



ENSAIO SOBRE A CAPACIDADE TOPOCEPTIVA DE TRÊS CENTROS ANTIGOS

[Maria Elaine Kohlsdorf](#)

RESUMO

Apresenta-se um estudo do desempenho *topoceptivo* de áreas centrais em três cidades brasileiras, a partir de trabalhos realizados sob nossa orientação por mestrandos da FAU-UnB (Leyla Elena Alarcón, Ricardo Silveira Castor e Valério S. de Medeiros). Nestes, demonstraram-se as possibilidades metodológicas condutoras das pesquisas e sua aplicabilidade ao planejamento urbano para fundamentar estratégias voltadas à percepção cotidiana dos lugares. Os sítios escolhidos são ilustrativos da ocupação territorial em nosso país, entre os séculos XVI e XX: *Natal*, fundada em 1599, integrando o esquema defensivo que garantiu para Portugal a posse do litoral potiguar até a foz do Amazonas; Cuiabá, nascida com a mineração em princípios do século XVIII interiorizou o povoamento que expandiu as fronteiras coloniais; e Goiânia, inaugurada nos anos 30 sinalizou para a ênfase dos interesses geopolíticos na construção de novas capitais. Tais sítios são, por outro lado, exemplos dos impactos do modelo de urbanização adotado no Brasil e que, no século XX, trouxe transformações radicais aos atributos configurativos dos lugares incidentes em sua percepção. Dirige-se a avaliação do desempenho topoceptivo dessas áreas por parâmetros de *orientabilidade* e *identificabilidade* na percepção universal dos indivíduos, utilizando-se a técnica de análise seqüencial desenvolvida por KOHLSDORF (1996). Os resultados mostram que: 1) intervenções urbanas recentes, associadas a legislações inadequadas, têm causado sérios prejuízos ao desempenho topoceptivo, especialmente em Cuiabá; 2) o excesso de diversidade de informações visuais, principalmente dos veículos de propaganda, incide negativamente nas condições topoceptivas em Goiânia; 3) a articulação entre características configurativas do sítio físico e de sua urbanização permanece equilibrada e contribui para a predominância de indicadores positivos no centro de Natal.

Palavras-chave: Percepção Ambiental; Cognição; Preservação do Patrimônio; Paisagem Cultural.

ABSTRACT

This paper presents three possibilities of the *topoceptive* performance in old centers: Natal, Cuiabá and Goiânia. It is based upon exercises developed at the Master in Architecture and Planning Program (University of Brasília, FAU-UNB), by the architects Leyla Elena Alarcón, Ricardo Silveira Castor and Valério S. de Medeiros. These works demonstrate the methodological lengthand and its possibilities of application in town and urban planning, inside a perceptual approach of the population daily life. The chosen areas illustrate the Brazilian territorial occupation between the XVI e XX centuries: Natal, founded in 1599, was a piece of the land defense schedule, which guaranteed the possession of the

coast until the Amazonas' mouth to Portugal; Cuiabá, originally a miner city, was born in the XVIII century and had an important role for Brazilian interiorization; and Goiânia, created in the 1930 years, as part of governmental project of constructing new capitals. These cities are good examples of the impacts of the Brazilian's XX century urbanization model in their spatial configuration. This fact changed the most important space perceptual attributes and, consequently, damaged their performance in orientation and identification. The perceptual topoceptive performance in these three case studies are seen through the visual sequences approach (Kohlsdorf, 1996) with the following results: 1) the recent urban renewal and the inappropriate policies are responsible for enormous prejudices in the topoceptive performance, mainly in Cuiabá; 2) the over visual information from visual publicity campaigns damages the topoceptive conditions in Goiânia; 3) Natal has still good topoceptive conditions, thanks to the articulation between morphological characteristics and their urbanization.

Keywords: Environmental Perception; Cognition; Preservation of Social Heritage; Cultural Landscape.

ENSAIO SOBRE A CAPACIDADE TOPOCEPTIVA DE TRÊS CENTROS ANTIGOS

I. Introdução

Definida como "*noção de lugar*", a topocepção é uma capacidade presente em qualquer espaço vivenciado. Significa as possibilidades que os lugares têm de nos orientar, e de serem por nós identificados, aptidões já destacadas por Camillo Sitte, em 1889, por Kevin Lynch, em sua *Imagem da Cidade* (1960) e por Michael Trieb, falando de *Stadtgestaltung* a partir dos anos 1970. Kurt Lewin, em 1936, além de propor a noção de *campo* em psicologia, alertava para uma *topologia do espaço percebido*, iniciando caminho trilhado por diferentes escolas de pensamento, em várias áreas científicas. A pesquisa das características espaciais incidentes na capacidade topoceptiva dos lugares e a aplicação desses estudos ao planejamento urbano cresceram muito nos últimos trinta anos sem, no entanto, ombrearem aspectos tradicionalmente presentes, tanto na Academia, quanto na Administração Pública. Assim como as linhas de pesquisa, também os planos diretores estão mais voltados aos aspectos econômicos e gerenciais do ambiente construído; os instrumentos de legislação urbanística limitam-se a categorias de "*uso e ocupação do solo*", atreladas a questões funcionais e, no máximo, bioclimáticas. Em todos esses exemplos, o olhar do pesquisador ou do gestor é geralmente externo, sem maiores compromissos com a percepção dos atuais ou futuros indivíduos que vão observar o espaço a partir, literalmente, de seu interior.

De modo semelhante comportam-se as rotinas para preservação do patrimônio cultural arquitetônico, seja ele composto por edifícios, conjuntos edilícios ou sítios urbanos. A memória social inscrita no espaço passa a ser considerada pelos Estados europeus na segunda metade do século XIX; no Brasil, a partir dos anos 1930 artistas e intelectuais modernistas levantam a questão e têm papel decisivo na criação do órgão governamental dedicado à proteção de nossos bens culturais, o *Instituto Nacional do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* (IPHAN). Mas o tema mantém-se mais afeto à

gestão pública do que à Academia, que apenas recentemente estabeleceu a obrigatoriedade de matéria versando sobre esta questão, nos cursos de Arquitetura e Urbanismo. Os estudos sobre percepção ambiental ainda não se incorporaram plenamente à causa da preservação, embora se venham impondo no debate intelectual, na crescente participação da sociedade e em algumas ações de proteção da memória dos povos. Deste fato há exemplos tanto em prefeituras européias, quanto na UNESCO, para onde nosso país elaborou o "dossier" de Brasília em 1987, em documento apoiado em categorias morfológicas vinculadas à percepção do espaço. Há alguns anos, o IPHAN explicitou sua preocupação com o papel da configuração dos espaços das cidades históricas em seu sistema inventarial (*Inventário Nacional de Bens Imóveis - Sítios Urbanos / INBI - SU*, 1998) e com a percepção dos mesmos no cotidiano dos indivíduos (*Inventário Nacional de Configuração de Espaços Urbanos / INCEU*, 2002).

A pesquisa que relatamos neste artigo beneficia-se desse estado da arte brevemente exposto, assim como de experiências pessoais, onde se misturam docência e ação profissional, com interação de colegas e alunos. Tais experiências constituem uma cadeia de hipóteses, testes e reconstruções, todas alimentadas por áreas de conhecimento além da arquitetura e do urbanismo. Transcorrendo há trinta e poucos anos, coincidiram com o tempo de elaboração de uma consciência social mais ampla, no sentido de envolver, no conceito de *qualidade de vida*, valores históricos, culturais e afetivos.

O ensaio sobre três centros antigos, aqui exposto, entrelaça os trabalhos de mestrados da FAU-UnB, que aplicaram com entusiasmo e competência conteúdos que apresentamos na disciplina *Percepção do Espaço Construído*, no primeiro semestre letivo de 2002. ¹ Observaram os centros antigos de suas cidades - Natal, Cuiabá e Goiânia - com o olhar topoceptivo e a curiosidade de estabelecer comparações entre realidades que, embora distintas, têm a propriedade comum de informar sua história, através do espaço das respectivas áreas de fundação. E também se irmanam nos impactos ambientais trazidos pela opção de urbanização brasileira, especialmente no século XX: trata-se de três centros cujo testemunho de época encontra-se ameaçado de ser percebido pelas gerações futuras, fato que os torna representativos do drama vivido pelas cidades brasileiras e amplia o alcance da experiência realizada.

Para examinar os problemas de descaracterização dos lugares e as crescentes dificuldades em manterem identidades fortes, utiliza-se a teoria topoceptiva porque ela se dirige especificamente à noção de lugar oferecida por certos atributos morfológicos dos mesmos e incidentes na percepção dos indivíduos. Como é este o meio cognitivo pelo qual as pessoas assimilam, no cotidiano, valores espacialmente expressos, a percepção é um receptor eficaz e abrangente da memória inscrita no espaço. Por isso, a abordagem do espaço como bem cultural deve concentrar-se em suas características perceptíveis, desejavelmente no dia-a-dia das populações, contribuindo dessa forma na construção permanente de sua história como indivíduos e cidadãos.

Os três centros foram comparados quanto a suas capacidades de orientação e de comunicarem sua identidade, no cotidiano de habitantes e forasteiros. O estudo alcançou dois resultados principais: por um lado, a revelação das virtudes e dos problemas das configurações de cada um dos mesmos, encaminhando para futuras atitudes de preservação; por outro, uma verificação das possibilidades dos procedimentos utilizados na pesquisa.

II. A Análise Topoceptiva dos Três Centros

A pesquisa desenvolveu-se em três momentos: 1) análise topoceptiva de cada um dos centros; 2) avaliação do desempenho à orientabilidade e à identificabilidade de cada um dos centros; 3) comparação entre os desempenhos topoceptivos dos três centros. Para as duas primeiras etapas, foi aplicado o instrumental topoceptivo referente à percepção e, na terceira, procedeu-se comparando não apenas os resultados das fases anteriores, mas articulando características configurativas de Natal, Cuiabá e Goiânia às suas particularidades históricas.

A análise topoceptiva para percepção foi construída a partir das características dos processos cognitivos e volta-se a sujeitos universais, baseando-se nas proposições de Piaget (1971, 1972, 1978) e em sua interpretação por Oliveira (1977, 1996). Princípios e procedimentos encontram-se expostos em Kohlsdorf (1996, 2000), onde se considera a percepção como certo nível cognitivo universalmente presente nos diversos estádios cognitivos e ao longo do ciclo vital dos indivíduos. O mecanismo perceptivo possui características genéricas à espécie humana que se estendem à noção de lugar e são responsáveis por buscarem, no ambiente, um esquema de orientação espacial e de identificação de onde se está. Tal sistema reside em atributos da forma dos lugares, captados pelo sistema visual humano em movimento, e é investigado através da técnica de análise seqüencial, onde se examinam certas categorias ou eventos de percepção: as estações, os intervalos, os campos visuais e os efeitos topológicos, perspectivos e semânticos. A análise seqüencial simula a percepção de percursos nas áreas de estudo, pois estes são os veículos de apreensão dos lugares.

Nos centros pesquisados, definiram-se percursos significativos para a história de cada um dos mesmos: no centro de Natal, dois trajetos representam um itinerário cotidiano de moradores, e outro dos turistas, mas ambos contém diversos monumentos tombados; em Cuiabá, os percursos situam-se no quadrilátero definido como de interesse cultural pelo IPHAN; e em Goiânia, os deslocamentos deram-se pela avenida que reúne importante conjunto de edifícios *"art-déco"*.

As características próprias a essas três realidades articulam-se com clareza às transformações registradas em seus espaços, e particularmente em suas áreas centrais originais. Nos três casos, houve o impacto da urbanização na segunda metade do século passado: Natal possui hoje mais de um milhão de habitantes em sua região metropolitana; Cuiabá cresceu de 70.000 para 500.000 habitantes, nos últimos trinta anos; e Goiânia tem um milhão de habitantes em sua área urbana, mas foi projetada para 50.000! Essas cidades exercem funções diferentes na atual rede urbana brasileira, mas são todas capitais estaduais expressivas e fortes influências regionais. Singulares são, porém, seus sítios geográficos e suas trajetórias históricas.

Natal foi fundada no final do séc. XVI, integrando o sistema defensivo português para garantir a posse do litoral potiguar até a foz do Amazonas. Permaneceu um povoado modesto durante dois séculos, contido em torno da praça de fundação situada em cotas mais elevadas, em área que originou a Cidade Alta. Atividades portuárias na Ribeira, parte baixa do povoado, implicaram um crescimento pequeno e contínuo entre o século XIX e meados do século seguinte. Nessa época, a II Guerra Mundial trouxe para Natal, bases militares brasileiras e norte-americanas, dando início a vigorosos ciclos de crescimento populacional, expansão da área urbanizada e descoberta de seus atrativos pelas atividades de turismo. Tais processos foram intensificados nas últimas décadas, acompanhando os rumos frenéticos da concentração urbana no Brasil inteiro, mudando bastante a fisionomia da cidade. Mas, ao mesmo tempo em que Natal estendia-se pelas belas praias a norte e ao sul do rio Potengi, despontavam ações para valorização do antigo centro da Cidade Alta, em nome do chamado turismo cultural. Assim, os órgãos de planejamento urbano passaram a considerar essa área uma Zona Especial de Preservação Histórica (ZEPH), desde 1984. Porém, esse centro antigo apresenta-nos hoje duas feições: por um lado, a resultante de mais de 400 anos de fundação, expressa em traços do belo sítio natural e em edifícios de valor cultural entregues à descaracterização ou ao abandono; por outro, seu papel de importante área comercial e de serviços em Natal.

Cuiabá originou-se da descoberta de ouro pelos bandeirantes paulistas no centro do Brasil, no início do séc. XVIII, e teve seu sítio de fundação marcado pela atividade mineira: ele acompanhava a margem direita do córrego da Prainha, onde se encontravam as principais minas de aluvião da época e onde o relevo era mais favorável à ocupação antrópica. No curto ciclo do ouro nas terras cuiabanas, o povoado organizou-se como as demais cidades brasileiras de mineração: um tecido harmônico, integrado aos elementos do sítio natural e detentor de um interessante acervo edilício. Essas características sobreviveram ao declínio da atividade mineradora e ao isolamento da região; a carência de recursos técnicos, materiais e financeiros imprimiram à fisionomia de Cuiabá simplicidade e, a seus edifícios, despojamento estilístico. As primeiras transformações significativas da paisagem dessa cidade deram-se somente quando ela tornou-se capital da província de Mato Grosso, em 1835, e sob responsabilidade governamental, pois seu novo papel político acarretou a construção de prédios públicos cuja imponência logo contrastou com a anterior singeleza de seus espaços. E, assim como em Natal, o século XX trouxe vigorosas metamorfoses que, em Cuiabá, decorrem das migrações patrocinadas pela política desenvolvimentista implantada no Brasil a partir da década de 1960. Com objetivos de povoamento e modernização do vasto "*hinterland*" brasileiro, esses movimentos implicaram também demolições, reformas e perda considerável do acervo antigo do centro da cidade, que passou a ser presa da especulação imobiliária. Em contrapartida, houve uma ação de tombamento, em 1987, de parte desse conjunto antigo, que lamentavelmente não tem mudado o quadro de preocupante abandono da área.

Goiânia representa uma experiência recente de planejamento urbano, pois foi fundada em 1933 para ser a nova sede administrativa de Goiás. A transferência da capital desse estado integrava o processo de mudanças experimentado pela região Centro-Oeste nessa época, caracterizado por expansão da pecuária no cerrado e apoiado na industrialização que se anunciava no Brasil. Foi, portanto, fruto e razão de crescimento econômico e populacional em todo o país, que algumas décadas depois implicariam a transferência da capital nacional para Brasília. As características espaciais de seu projeto, realizado por Atílio Correa Lima, remetem à "*Letchworth*" de Unwin e ao urbanismo barroco: à primeira, pela abundância de vegetação no tecido urbano, traço importante das cidades-jardim inglesas; ao segundo, pelo traçado radiocêntrico que evoca a monumentalidade de Versailles. Apesar de não se haver contido no perímetro inicial, a cidade preservou até o final da década de 1970 esses traços na área original, assim como os marcantes edifícios "*art déco*", pois era o centro da cidade por excelência. Entretanto, os anos seguintes trouxeram crescimento populacional de grande impacto à Goiânia: o comércio deslocou-se para "*shopping centers*" distantes e ao antigo centro afluíram as populações com menor poder aquisitivo e o comércio informal, enquanto diminuía os investimentos públicos na área. Embora sejam ainda facilmente perceptíveis as três grandes avenidas-parque, convergindo para a Praça Cívica que se situa no ponto mais elevado do terreno, o acervo edilício passou a ter sua apreensão comprometida pela abundância de veículos de propaganda e pelo abandono.

A) As Pautas Seqüenciais dos Três Centros

Para elaboração das pautas seqüenciais dos três centros, definiram-se primeiramente os percursos mais significativos de cada uma das áreas. Eles deveriam ser trajetos usualmente realizados por pedestres, pois este é o modo de locomoção que privilegia as possibilidades informativas dos lugares em sua percepção. Mas deveriam ser também relevantes para a apreensão dos valores históricos e culturais de cada uma das áreas, e traduzirem as particularidades processuais das mesmas. Os percursos testados nesses três casos são exemplares do processo sofrido pela paisagem de qualquer cidade brasileira, pois mostram os contrastes entre permanências e metamorfoses, e a vitalidade que se sobrepuja ao descaso, ao desinteresse e à falta de compromisso histórico dos atores sociais mais decisivos, em nosso país.

Natal solicitou dois trajetos, respondendo à dualidade da atual função de seu centro: um percurso correspondente a seu papel de bem cultural, e mais restrito aos turistas do que a seus habitantes, e outro definido pelas atividades voltadas ao atendimento da população potiguar. Esses dois caminhos cruzam-se em certo momento, mas têm características opostas: ao turista, desfilam edificações tombadas, monumentos e praças dessa área, enquanto o usuário habitual desloca-se por eixos comerciais e paradas de ônibus (fig.1).

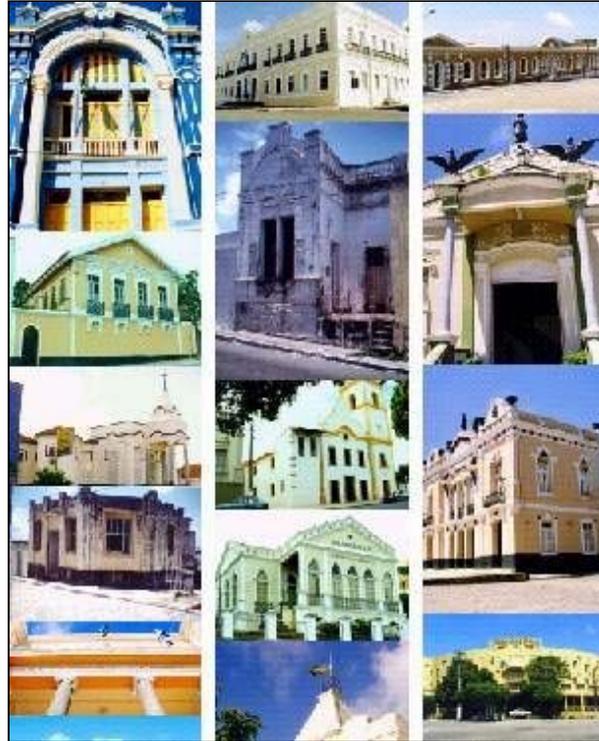


Fig. 01. Edificações de valor cultural no percurso do turista em Natal
Fonte: Alarcón *et al.*, 2003.

No antigo centro de Cuiabá, escolheram-se dois percursos, intensa e cotidianamente utilizados por pedestres e que reúnem o acervo espacial de valor histórico na cidade: um cruzando a área no sentido norte-sul, e outro perpendicular a este, e atravessando o centro em seu sentido longitudinal. E em Goiânia dois trajetos percorreram, em ambos os sentidos, o eixo monumental de seu centro, local de concentração tanto da maior parte dos edifícios tombados, quanto do fluxo diário.

Os dois percursos de Natal são de tamanhos distintos: o do turista é menor, com várias deflexões, e possui 12 estações; e o realizado usualmente tem o dobro da extensão do primeiro, é mais retilíneo e composto por 13 estações. Por estes dados, já se apresentam diferenças de estímulo visual, fazendo com que o trajeto turístico solicite mais o interesse do observador do que o outro. O primeiro permite contemplar três igrejas coloniais da área (do Galo, Matriz e Rosário dos Pretos) e outros edifícios preservados; o segundo desloca-se pela temática da Avenida Deodoro da Fonseca e rua João Pessoa (fig.2).

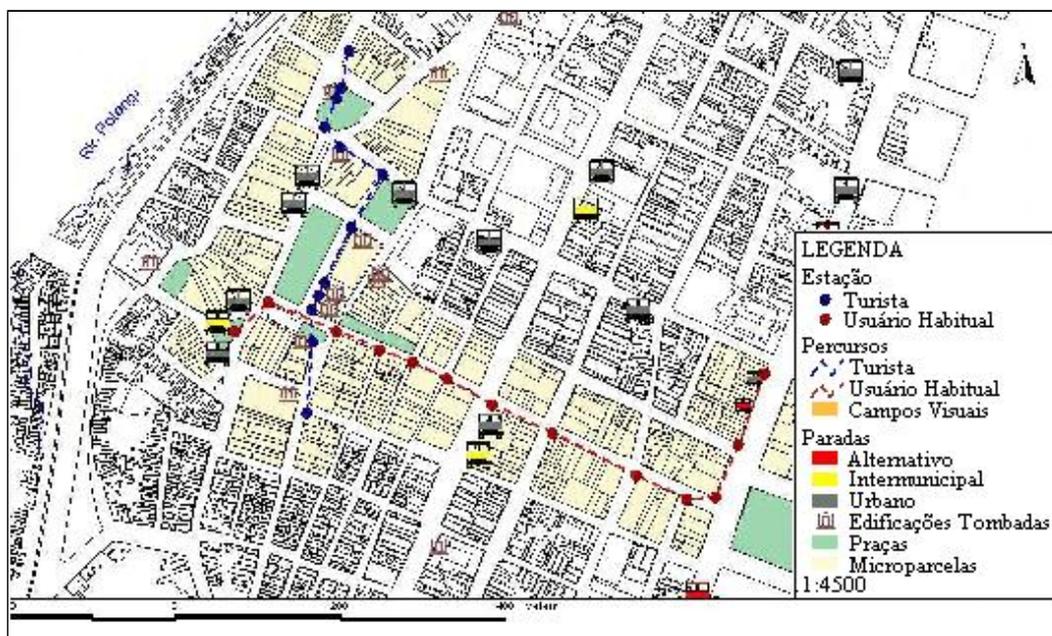


Fig. 02. Percursos escolhidos no centro antigo de Natal Fonte: Alarcón *et al.*, 2003.

O tamanho dos trajetos em Cuiabá é semelhante, mas eles têm desenhos diferentes. O primeiro é retilíneo e possui 11 estações, distribuídas entre o topo da escadaria oitocentista que atravessa o Parque da Luz e a Praça Alencastro. O segundo é parcialmente curvo, com 14 estações, parte da Praça da República e segue pela Rua 7 de Setembro, em direção à Igreja de São Benedito, junto à Avenida Prainha. Apesar de ambos oferecerem grau de estímulo visual semelhante, possuem identidades bem distintas (fig.3).

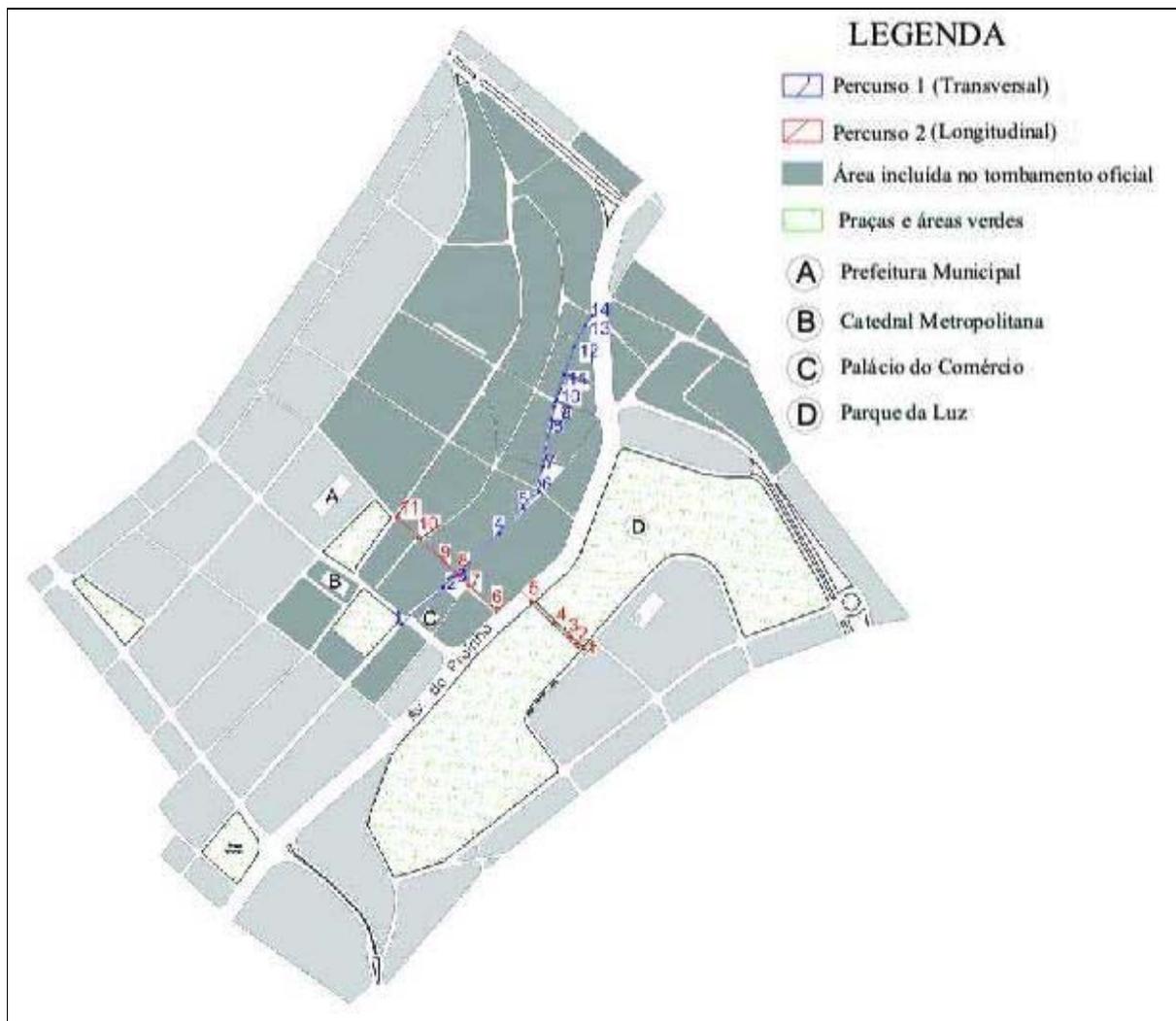


Fig. 03. Percursos escolhidos no centro antigo de Cuiabá Fonte: Alarcón *et al.*, 2003.

No Setor Central de Goiânia, os percursos de ida e volta na avenida Goiás atingem a praça Cívica, para onde convergem as grandes avenidas do centro, e a Praça do Bandeirante, na Avenida Anhanguera. O eixo desses trajetos é definidor da história da capital goiana, e mostra-se com estímulo levemente maior quando percorrido de sul para norte, onde há 12 estações, contra 11 no sentido oposto (fig.4).

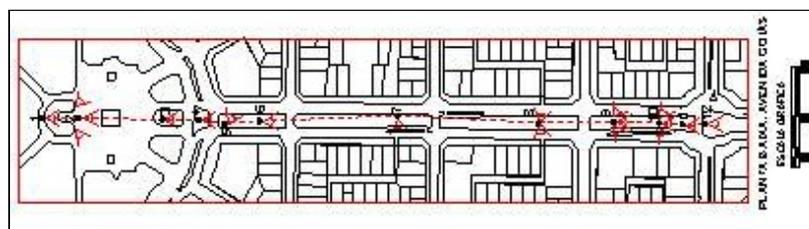


Fig. 4. Percursos de ida e volta no Setor Central de Goiânia
Fonte: Alarcón *et al.*, 2003.

Nas três áreas estudadas, há boa quantidade de campos visuais e predominância dos frontais, mas a composição destes eventos é melhor em Natal, razoável em Goiânia e muito problemática em Cuiabá. Os efeitos visuais registrados em todas as seqüências são insuficientemente pregnantes, devido à precariedade de ocorrência daqueles de

intensidade forte: mesmo no trajeto de turistas, em Natal, há menos de 50% de efeitos visuais fortes e muito fortes.

As informações das pautas seqüenciais das três cidades foram a seguir articuladas a características configurativas das áreas onde se localizam, inferindo-se o papel de elementos morfológicos e composições na percepção dos indivíduos. Neste ponto, os pesquisadores seguiram caminhos diferentes, atendendo a objetivos pessoais; para Natal e Goiânia, as características abordadas seguiram as categorias projetuais e, em Cuiabá, voltaram-se aos efeitos semânticos e às leis da Gestalt (KOHLSDORF, 1996, 2000). Por localizar-se em uma esfera de relacionamento entre percepção e estrutura morfológica, essa divergência não invalidou a comparação entre os desempenhos topoceptivos dessas áreas, e serviu para esclarecer o referencial topoceptivo das mesmas.

B) Resultados da Análise

As pautas seqüenciais desses centros foram avaliadas em seu desempenho topoceptivo conforme dois tipos de parâmetros para as possibilidades configurativas dos lugares: a capacidade de orientar os indivíduos e sua competência em mostrar-lhes sua identidade. Em ambos os casos, se tratam de informações visuais que são capazes de garantir a noção de lugar, mas os requisitos de quantidade e qualidade das mesmas diferenciam-se. Assim, a orientabilidade do espaço necessita de equilíbrio entre informações repetidas e diferenciadas, porém sua identificabilidade requer clareza de composições, sejam formadas por redundância, complexidade ou harmonia (KOHLSDORF, 1996). Realizou-se uma sistematização dos eventos seqüenciais das três cidades por categorias, elementos e atributos: a categoria eventos gerais reuniu estações e intervalos, seguindo-se a categoria campos visuais e, por fim, a de efeitos visuais. A avaliação das mesmas baseou-se em cinco graus de intensidade para os dados encontrados (muito forte, forte, médio, fraco e muito fraco) e cinco categorias de menção de desempenho parcial (ótimo, bom, regular, ruim e péssimo).

Os resultados mostram desempenhos topoceptivos diferentes das três cidades analisadas, pois no antigo centro de Natal ainda existem boas condições de orientabilidade e identificabilidade, enquanto nos demais as avaliações ficaram entre regular e negativa. Este fato deve-se a uma articulação melhor entre elementos configurativos (malha, parcelamento, edifícios, relevo e vegetação) ainda presente no centro potiguar, descaracterizada em Cuiabá e de maior fragilidade em Goiânia.

No centro de Natal, houve desempenho satisfatório da área de deslocamento de turistas, para orientação e para identificação, pois a maioria dos itens avaliados obteve menções altas. O equilíbrio entre elementos de sua configuração contribui decisivamente para isso, à diversidade do parcelamento dessa área contrapõe-se um contraste harmônico entre edifícios que são temas-base e os atuantes como temas-destaque, todos resguardando contigüidade e relações diretas com o espaço público; destacam-se, ainda, a presença do relevo pregnante e do rio Potengi, que ocasionalmente aparece durante esse percurso, e os espaços abertos de praças e pátios com árvores generosas. O turista caminha nos limites oeste do "plateau" onde se desenvolveu a Cidade Alta, e é sinalizado por torres de igrejas, árvores centenárias e palácios, até encontrar o mirante sobre a parte norte da cidade e a foz do rio, onde se construiu a fortaleza dos Reis Magos. A outra seqüência mostra que o usuário habitual não usufrui condições tão favoráveis, pois se registrou orientabilidade regular devido a problemas nos campos visuais e nos efeitos topológicos e perspectivos, ainda que a identificabilidade seja satisfatória. Essa queda de qualidade deve-se à excessiva homogeneidade configurativa desse trecho, ao relevo bem menos complexo do que no percurso anterior e à restrição de vegetação aos canteiros no meio das vias e nos calçadões.

Em Cuiabá, o primeiro trajeto, transversal ao centro, mostra-se com melhor capacidade topoceptiva do que o outro percurso, mas sua orientabilidade é regular e, sua identidade, apenas satisfatória. Contribui positivamente para esse resultado a construção

cênica do trajeto, mas ela compromete-se pela desarticulação da estrutura espacial do trecho que contém a estação 7 da primeira seqüência. Mudanças radicais na organização espacial implicaram sobrecarga de estímulos visuais e desempenho comprometedor de visadas e efeitos topológicos e perspectivos, expondo-se, na referida estação, prejuízos da interferência de edifícios recentes sobre fachadas neoclássicas, que definiam a temática intimista do largo setecentista Caetano de Albuquerque (fig.5). O desempenho da segunda seqüência foi medíocre para orientabilidade e para identificabilidade (sendo levemente melhor para esta última), abalado pela insuficiência de campos visuais frontais e de efeitos topológicos e perspectivos fortes, em função do excesso de toldos e letreiros apostos de maneira confusa às fachadas. Os resultados insatisfatórios dos dois percursos devem-se, de certo modo: à baixa incidência de campos visuais frontais, decorrente do posicionamento lateral da maioria dos edifícios, em ambos os trajetos; do contraste de novos edifícios com antigas referências (como o Palácio do Comércio e a Prefeitura Municipal); e da interferência de toldos, placas e fiação elétrica aparente na visualização das fachadas com valor testemunhal.

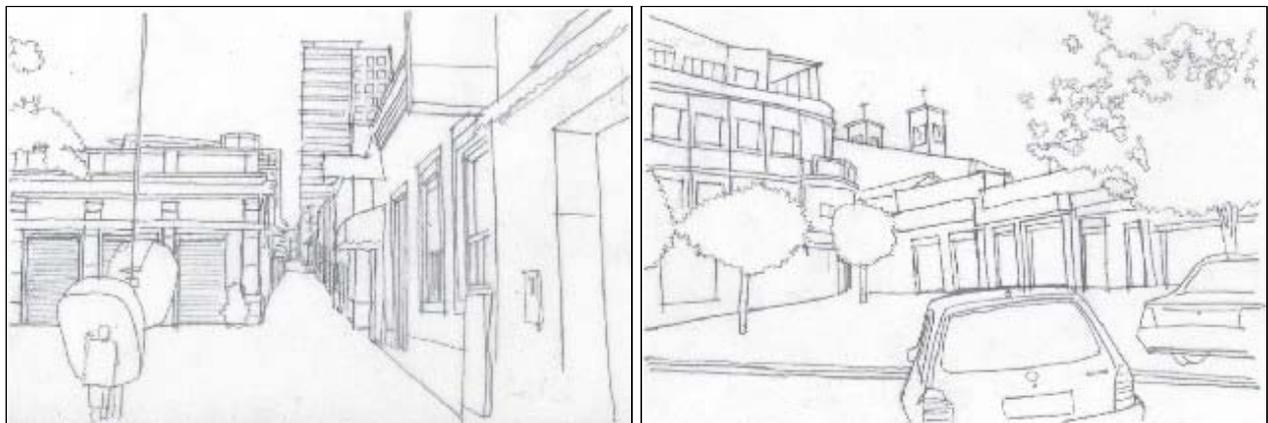


Fig. 05. Campo frontal e lateral esquerdo da seqüência 1 no centro antigo de Cuiabá
Fonte: Alarcón *et al.*, 2003.

A avaliação das seqüências em Goiânia mostrou comprometimento das condições topoceptivas, desta feita por fatores outros que a substituição de edificações. Embora menos da metade dos itens responsáveis pela capacidade de orientação dos lugares tenham sido avaliados como *péssimo* e *ruim*, se os confrontamos com os que obtiveram resultado *regular*, há maioria de eventos seqüenciais com baixo desempenho, em função do excesso de informação visual. Isto se deve a dificuldades impostas pela malha radiocêntrica e pelo macroparcelamento adjacente, que podem confundir devido à complexidade das composições, mas também à visualização precária de possíveis referências visuais, pouco destacadas na grande diversidade de volumetrias e composições de fachadas dos edifícios. Esses atributos oferecem excesso de estímulo visual e implicam orientabilidade problemática nessa área. Tanto no trajeto de ida quanto no de volta na av. Goiás, orientabilidade e identificabilidade foram insatisfatórias por causa de composições controvertidas de campos e efeitos visuais: há expressiva presença de efeitos perspectivos de realces por contraste, mas eles decorrem da falta de unidade de fachadas, volumetria e altura dos edifícios; a arborização, responsável pela unidade da avenida Goiás, é também responsável por *impedimentos* indesejáveis à apreensão das fachadas, algumas delas *art déco*; os numerosos veículos de propaganda e pequenas construções (como as bancas de revistas e quiosques), caoticamente organizados, são responsáveis tanto por barreiras à visualização de edifícios de valor patrimonial, quanto pelo excesso de informação visual (fig.6).



Fig. 06. Planta Baixa da área central de Goiânia, destacando o sistema de vias radiais convergindo para a praça Cívica. Fonte: Alarcón et al., 2003.

III. Conclusões

Desejamos finalizar este artigo dirigindo nossas conclusões em dois sentidos: à potencialidade do método utilizado na gestão territorial, especialmente em sítios considerados bens de interesse histórico e cultural; e à função didática do exercício realizado, na formação de técnicos e pesquisadores.

No primeiro caso, os resultados obtidos não podem ser diretamente aplicados a ações de planejamento em Natal, Cuiabá ou Goiânia, porque não são suficientemente confiáveis. Trata-se de produtos de trabalhos didáticos, onde os dados são menos importantes do que o processo desenvolvido pelo aluno; a despeito da seriedade e competência dos pesquisadores responsáveis, tais resultados valem, no máximo, como hipóteses sujeitas a confirmações. Por outro lado, porém, há hipóteses que não nos parecem desprezíveis, e que sugerem investigações adequadas. Por exemplo, excesso e carência de informações visuais que comparecem em todos os trajetos do centro de Cuiabá e do Setor Central de Goiânia podem dirigir uma observação mais atenta da articulação entre unidade e diversidade de elementos morfológicos e de suas composições nessas áreas, inferir os índices urbanísticos e as normas de edificação que permitem tal resultado, e encaminhar revisões de ambos. Outro exemplo é a distância entre os desempenhos topoceptivos dos percursos utilizados por turistas e pelo usuário habitual no centro antigo de Natal, que deve despertar para a necessidade das ações de planejamento contemplarem devidamente as características morfológicas incidentes na identidade das áreas lindeiras a ambos os trajetos.

Entretanto, apesar da precariedade dos dados e do processo realizado, os mestrandos responsáveis por esses trabalhos já apontavam caminhos e limites da abordagem exercitada:

Os conflitos que contribuem negativamente para a orientabilidade e identificabilidade poderiam ser minorizados por diretrizes projetuais

voltadas a operações morfológicas, tais como mudança de gabaritos das edificações, recuperação das fachadas e requalificação dos espaços públicos por meio de composições adequadas dos elementos vegetais, de mobiliário urbano, veículos de propaganda e sistemas de sinalização. (...) Ademais, trata-se de trechos urbanos complexos que necessitam de outras abordagens complementares. São preocupações que devem ser levadas em conta, especialmente em termos financeiros, considerando-se que são centros antigos com variadas edificações necessitando reparo. Quaisquer gastos de maior valor aparentemente deveriam ser voltados para políticas considerando a urgência de sua preservação e resgate de identidade da paisagem urbana. (Alarcón et al., 2003).

O sentido do exercício realizado para a formação de técnicos e pesquisadores possui a exata medida da área de investigação em que se localiza, ou seja, da topocepção. Sendo uma das dimensões analíticas e propositivas do espaço socialmente usado, não se pode reduzir a abrangência da observação deste aos aspectos topoceptivos, assim como não se deve minimizar o papel da capacidade de orientação e identificação dos lugares no cotidiano dos indivíduos (KOHLSDORF, 1995). A abordagem dos atributos incidentes na orientabilidade e na identificabilidade dos lugares demanda teoria, metodologia e técnicas específicas, situadas em um certo marco epistemológico, mas convergentes para a ação projetual, de planejamento e de gestão urbana. No entanto, essas questões permanecem longe de serem consensuais, no campo da arquitetura e do urbanismo, devido à recente e escassa tradição de pesquisa em ambos, que limita as pretensões didáticas e as confina entre a carência de base para aprendizagem de conceitos e aplicação de técnicas, e o preconceito em relação a enfoques não clássicos.

Nesse quadro, cabe ser honesto e expor-se, assim como cultivar modéstia de objetivos pedagógicos. Muitas vezes, porém, vimos sendo positivamente surpreendidos por um "surplus" didático, onde a dedicação e a competência dos pupilos fazem avançar o marco onde nos encontrávamos. É o caso da experiência aqui relatada, fruto do encontro desses três mestrados que acertaram na hipótese de que as cidades escolhidas - tão diferentes - possuíam em comum centralidade, vitalidade, valores espaciais simbólicos e a ameaça de perda dessas qualidades. Eles perceberam que poderiam entender esses fenômenos associando suas particularidades históricas e morfológicas aos respectivos desempenhos topoceptivos, para assim expô-los e nutrir medidas de intervenções futuras. Manifestaram o alcance metodológico exercitado, pois incluíram este novo experimento à lista de áreas de sítios antigos abordadas em nossa atividade docente. Mas visualizaram também os pontos de estrangulamento metodológico, especialmente a dificuldade de definição dos caminhos para mensuração dos níveis de informação, porque essa fase possui caráter recente.

A eles, com o carinho desta mestra.

NOTAS

1. Arquitetos Leyla Elena Lascar Alarcón, Ricardo Silveira Castor e Valério S. de Medeiros, a quem agradeço a oportunidade de inspirar essas reflexões.

[\(VOLTAR AO TEXTO \)](#)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALARCÓN, Leyla E.; CASTOR, Ricardo S.; MEDEIROS, Valério S. & KOHLSDORF, Maria Elaine. **Três Cidades, Três Histórias, um Olhar**. Belo Horizonte: ENANPUR, 2003.
- KOHLSDORF, Gunter. **Sobre a Ciência de Projetar Cidades e a Arte de Construí-las**. Brasília: Fau-UnB, 1995 (dissertação de mestrado).
- KOHLSDORF, Maria Elaine. **A Apreensão da Forma da Cidade**. Brasília: Ed. UnB, 1996.
- KOHLSDORF, Maria Elaine. *Metodologia de Recolhimento de Dados de Configuração Urbana em Sítios Tombados*. Brasília: IPHAN, 2000 (mimeo).
- LEWIN, Kurt: **Principles of Topological Psychology**. New York: McGraw-Hill, 1936.
- LYNCH, Kevin. **The Image of the City**. Cambridge: MIT Press, 1960.
- OLIVEIRA, Livia de. **Estudo Metodológico e Cognitivo do Mapa**. Rio Claro: Geo-UNESP, 1977 (tese de livre-docência).
- OLIVEIRA, Livia de. *Percepção e Representação do Espaço Geográfico*, Del Rio, V. & Oliveira, L.: **Percepção Ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Studio-Nobel, 1996.
- PIAGET, Jean. *Les Mécanismes Perceptifs*. Paris: PUF, 1971.
- PIAGET, Jean. *Seis Estudos de Psicologia*. Rio: Forense, 1978.
- PIAGET, Jean & INHELDER, Bärbel. **La Répresentation de l'Espace chez l'Enfant**. Paris: PUF, 1972.
- SITTE, Camillo. **Der Städtebau nach seinen Künstlerischen Grundsätzen**. Wien: Karl Graeser Verlag, 1889.
- TRIEB, Michael: **Stadtgestaltung - Theorie und Praxis**. Düsseldorf: Bertelsmann Verlag, 1974. ANPUR, 2003.

INFORMAÇÕES SOBRE A AUTORA

[\(VOLTAR AO TEXTO\)](#)

Maria Elaine Kohlsdorf

Arquiteta (UFRJ), Mestre (UnB); professora adjunta aposentada (FAU-UnB); professora visitante (diversas IES); ex-professora (Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo, IESPlan); professora substituta (FAU-UnB).

mek@persocom.com.br

[SUMÁRIO](#)

